



### A DESOBDIENCIA DE CARLOS

Carlos, o buliçoso e travesso, como todos lhe chamavam, acompanhara um dia seu pae a uma curta caçada, ao centro de uma pequena matta, que ficava a um lado da formosa herdade que habitava, ninho povoado de verdores, perfumado por todos os aromas sadios do campo, alindado pela arte e pela cultura, e favorecido dos encantos que a sabia natureza espalha largamente por sobre os seus logares predilectos.

As perdizes e as gallinholas abundavam por aquellos sitios; as lebres e os coelhos, nas suas sortidas ás plantações mais mimosas, produziam sensiveis estragos.

Francisco, de Almeida resolveu desfazer-se, de uma vez para sempre, de tão má visinhança.

Raro era o dia em que do seu farto cinturão de bello couro da Russia não pendiam, ao voltar a casa, os despojos de uma abundante caça.

Fôra n'uma das vezes, em que se dispunha a sair, de espingarda ao hombro, que sentiu nos joelhos uma prisão desusada. Eram os braços de Carlos, que se lhe enlaçavam ás pernas.

— Papá, eu tambem queria ir. Deixa-me sair consigo, meu bom papá? — dizia elle.

— É o que vaes tu lá fazer, tonto? Fatar-te, e espantar-me a caça.

E os tres cães, da melhor raça, pulavam de contentes e faziam grupo com o rapazinho á volta do fazendeiro.

— Ora eu prometto — insistia aquelle — eu prometto não sair de ao pé de si. Verá, papá; verá como eu sei portar-me com juizo.

Os cães lambiam as mãos ao dono, e pareciam supplicar tambem.

O pae não resistiu por mais tempo ás caricias do filho.

E lá partiram, não sem que Francisco de Almeida perdesse, desde logo, a esperança de bom resultado.

Pelo caminho, a creança e os cães formavam um só grupo. Onde houvesse um massiço de relva, ahí se estabeleciam cabriolas e saltos; os cães latiam, e fingiam, com aquelle instincto bondoso e inimitavel da sua raça, abrir lucta com a creança, quando esta pretendia montal-os, ou correr, em casquinadas de riso, capazes de afugentar a caça de toda a visinhança.

Chegados a uma pequena distancia da matta, o pae, com um sorriso meio contrariado, recommendou silencio, e deu aos cães as vozes de commando.

Os animaes, tão intelligentes como sagazes, não tardaram a embrenhar-se no arvoredado.

Francisco de Almeida tomou da mão do filho, e, com um dedo sobre os labios, fez sentir um schiu abafado e discreto, e foi tomar posição na encrusilhada d'umas estreitas veredas.

O pequeno era todo impaciencia.

N'um momento dado, fez-se ouvir um latido significativo para os lados de uma pequena clareira, que se avistava em frente, por entre os troncos de dois frondosos sobreiros.

Francisco de Almeida largou a mão do filho, e levou a espingarda á cara.

Carlos espreitou estes movimentos, e dirigiu a vista rapidamente para o logar indicado pelo cano da arma.

Acto continuo, deitou estouvadamente a correr na mesma direcção, gritando: — Papá, papá, lá vae um coelho... e tão bonito!

Ao mesmo tempo partia o tiro, de que o pequeno imprudente podia ser victima.

Francisco de Almeida, com os cabellos hirtos e as feições transtornadas, deixára cair de chofre a espingarda, e correra para o filho, que, sem comprehender o alcance do perigo, batia as palmas ruidosamente.

A caçada terminou alli, e ao pequeno Carlos nunca mais foi permitido o acompanhar seu pae.

Se aquélla idade, porém, a uns-dez annos incompletos, se podem attribuir paixões, deve dizer-se que a paixão predominante do rapaz eram os apetrechos de caça.

Nos seus sonhos, côr de roza, via-se de polainas altas até ao joelho, sacco de rede e provisões ao lado, espingarda ao hombro, uma arma pequenina com fechos de prata e canno de aço luzente — no centro da matta, cercado pelos cães, dando tiros para a direita e para a esquerda.

— Ó Joaquim — dizia elle um dia a um dos criados de seu pae — e se eu fosse á caça?

— Pois sim, vá, menino — obtve em resposta — vá... Eu arranjo-lhe uma bella espingarda de canna para matar.

— Uma arma de canna! — retorquiu o pequenito abespinhado — Ora vae bugiar. Não sou eu já um homem? Quero uma espingarda a valer. Entendes? Logo que eu possa arranjar dinheiro, sem que ninguem saiba, tu hasde comprar-me uma espingarda pequenina, muito bonita, muito...

— Nanja que eu faça tal. Ora o menino tem lembranças!

— Pois fico mal contigo.  
— Paciencia. Isso é que eu não faço. Olhe... vá fazer o pedido á mamã. Talvez ella...

Carlos não quiz ouvir mais.

Que bem lembrado! E como é que lhe não tinha occorrido similhante cousa?

— O minha querida mamã — dizia elle, momentos depois, n'um tom de meiguice, a que a boa senhora poucas vezes sabia resistir — ó mamásinha, é muito minha amiga, pois não é? E subia-lhe aos joelhos, e beijava-nos olhos e nas faces.

— Temos algum pedidinho, meu doudivanas, não é assim? Esses beijos não dizem outra cousa.

— Adivinhou, mamã. Eu queria... sim... eu queria...

— Alguma inutilidade para juntar ás muitas que possues; não é verdade?

— Não é, não é. Vae vêr. Era... era uma espingarda.

E deu-lhe mais dois beijos.

— Pois não te comprei uma, ainda ha dias?

— Ora... ora... uma espingarda de latão... uma arma, que não dá fogo.

— Pois que mais queres tu, Carlos?

— Uma espingarda verdadeira, um pouco mais pequena que a do papá, mas... uma espingarda, porque eu heide ir um dia á caça. Ora ahí está.

E das meiguices passou aos rogos, e dos rogos ás lagrimas.

— Tu endoideste, filho! — dizia-lhe a mãe um tanto sobresaltada — Isso são lá coisas para a tua idade? Vae brincar... vae... e deixa-me.

— Pois hei de ir... hei de sair um dia sózinho, por esses montes fóra, a caçar com um pae, se não tiver uma espingarda.

— Prohibo-te que o faças, sem minha licença!  
Carlos ficou-se amuado e jantou de má vontade.

A meza, fallou-se do caso e o pae concluiu a conversa por uma ameaça.

Um mau sentimento tentava, comtudo, aquella cabecinha imprudente.

Carlos fingiu-se resignado, ou totalmente esquecido, e concebeu um arrojado projecto, que não communicou a pessoa alguma.

Entrára a estação calmosa.

Um dia, em que seu pae, depois do almoço, se recolhera a descansar de uma jornada, que datava da vespera, escapou-se surratemente do quarto de sua mãe, que não dera por isso, de entretida que estava a remechar nas gavetas de uma commoda; e, munido da espingarda de latão, porque não conseguira obter outra, desceu ao pateo, assobiou aos cães, e observando cautelosamente se era vigiado, transpoz o portão e deitou a correr pela quinta fóra.

D'esta vez seguiam-no tres perdigueiros, companheiros pacientes das suas diabruras e dos seus folguedos.

A primeira idéa que tivéra o pequeno estonteado fóra entrar na matta, para onde convergiam todos os seus sonhos pueris.

O receio de ser perseguido, porém, fez-lhe abandonar essa idéa.

Resolveu pois sair dos dominios de seu pae, e passar ás terras vizinhas.

Fallando aos cães com a sua vozinha infantil, a que em vão procurava dar um tom imperativo, estava inteiramente possuido da figura que se propozéra representar.

— Busca... busca, *Ligeiro... péga, Far-rusca... aboca... aboca, Janota!* — gritava elle.

Os cães ora lhe trepavam aos hombros, mostrando não tomar muito a sério o seu papel de caçador, ora corriam á desfilada, entretendo-se medianamente, uma vez ou outra, em farejar as moitas de arbustos, que iam encontrando pelo caminho.

O sol dardejava a prumo os seus raios mais ardentes.

Era excessivo o calor.

No entanto, o rapaz, com as faces afogueadas e a respiração arquejante, transpunha vallados, mettia-se pelos mattageas, n'uma correria de louco, sempre de espingarda em punho, a inoffensiva espingarda de latão.

Por cima de um muro, onde chegára por fim, visava-se ao longe a luxuriante ramaria de um bosque, pertencente a uma herdade de um vizinho de seu pae.

As forças começavam a abandonal-o, mas a phantasia aguilhoava-o sem cessar.

O muro era de difficil accesso.

Parou junto d'elle, e poz-se em observação.

A alguns passos de distancia via-se uma parede, que se encostava gentilmente á parede.

Mirou-a, e teve desde logo por vencidas todas as difficuldades.

Subir a uma arvore era para elle tarefa de pequena monta.

De desvairado que ia, nem deu pelos cães, que a certa distancia haviam já passado o muro por uma abertura, feita pelas aguas das ultimas cheias do inverno.

Tomou a espingarda nos dentes, e começou a trepar lentamente. Chegado a meia altura

da arvore, viu que os pés não podiam alcançar o cimo do muro; procurou o ramo mais proximo e flexivel, e dependurou-se sem cautella.

O ramo cedeu ao impulso violento, estalou, e o pobre Carlos foi precipitado para o lado do bosque, sentindo, na queda, uma dôr agudissima na cabeça.

Quando poude levantar-se, ainda atordoado, levou a mão á testa, e retirou-a manchada de sangue.

Ferira-se na sua propria arma, que se fizéa em pedaços.

Afflicto, lancinado de dôres, desatou a chorar, e lá se foi arrastando, como poude, até á borda de um riacho, que serpenteava sussurrante á entrada do bosque.

Chegado alli, semi-morto de fadiga e de pavor, mal teve tino para banhar levemente a cabeça ensanguentada, com grave risco, ainda assim, de lhe sobrevirem outros males, pelo suor copioso que lhe escorria da fronte.

Os seus fieis companheiros, os cães, offegantes, haviam corrido a dessedentar-se no riacho, indifferentes por isso ao que se passava.

Nem um affago ao menos lhe prodigalisaram em tão triste situação.

A volta d'elle, só restavam a solidão e o desamparo.

Um pouco reanimado pelo banho forçado, sentiu que os labios se lhe pegavam um ao outro; sobreviera-lhe uma sêde abrasadora.

Pallido, desgrenhado, chegou-se de novo á agua, metteu n'ella o chapéu, e, formando uma biqueira da aba, bebeu copiosamente.

É n'esta situação que vemos estampado o nosso pequeno Carlos, sentindo em todo o peso o castigo da sua desobediencia, que poderia ter mais funestas consequencias ainda, se os criados de seu pae não viessem encontral-o alli.

Ao voltar a casa, desenhavam-se-lhe claramente no rosto a humilhação merecida e a magua do arrependimento tardio.

SANCHES DE FRIAS.





## JOANNICO

No tempo em que os paes de Joannico viviam pobrememente n'uma miseravel cabana, os ciganos, os terriveis ciganos, percorriam os campos visinhos, comendo á custa alheia, roubando tudo a que podiam deitar á mão. Se lhe exigiam o pagamento de qualquer despesa que tivessem feito, respondiam com más palavras, com injurias, com ameaças, e, ás vezes, com a sua facadinha. Uns demonios, os taes ciganos! Se encontravam pelo campo um rapazito, obrigavam-no a acompanhá-los, e as pobres mães cá ficavam a chorar pelo filho. É o que eu lhes digo : uns verdadeiros demonios!

— O Joannico ha de ser um dia alguma coisa ! dizia o sr. João, o pae, á senhora Joanna, a mãe, e á Joanninha, a irmã. — O rapaz não nasceu para ser um camponio. Se tem um ar aparvalhado, e se, quando fallam com elle, começa a metter os dedos no nariz, é porque é ainda um petizito; mas não lhe falta esperteza e astucia; tem idéas que não lembram ao demonio. É esperto como um alho! e se os malditos ciganos não o apanham, o rapaz vae longe, oh! lá se vae!

Mas como elle, por emquanto, é um cabeça no ar, gostando mais de espojar-se na terra e andar aos saltos, do que de trabalhar e fazer alguma coisa de préstimo, evitemos que os ciga-

nos o encontrem a vadiar pelos campos e o furtem.

Dias depois, os paes de Joannico souberam que o fidalgo de Gisors precisava d'um pagem para sua filha.

— Este emprego é que faz arranjo : — disse o pae — porque os ciganos não se atrevem a ir roubal-o ao castello de Gisors.

E o Joannico, depois de muito beijado pela sua boa mãe, e de muito chorado pela sua irmãinha, foi levado ao castello de Gisors pelo pae, que o apresentou ao fidalgo como um rapaz muito esperto.

O fidalgo não viu lá essas espertezas na cara do rapaz, mas sempre o admitiu no castello.

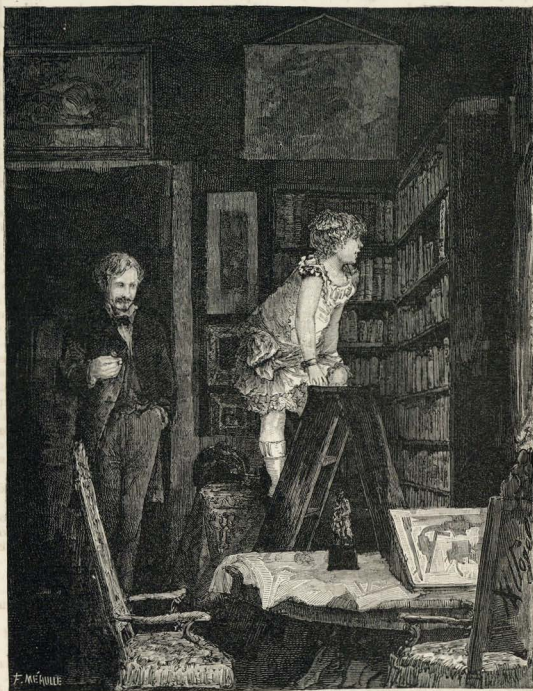
Foi dada a honra ao Joannico de levar o livro de orações da menina de Yolande, e de lhe segurar na cauda do vestido. Mas o peor é que o nosso pagem queria ao mesmo tempo ir apanhando pelo caminho borboletas e flores. E como quem leva o nariz no ar não vê onde põe os pés, o Joannico poz os d'elle sobre a cauda do vestido, tropeçou, e para não ir de ventas ao chão teve de agarrar-se ao longo véo da nobre donzella Yolande.

Desde então, a altiva castellá não quiz tornar a sahir como o desgraçado Joannico.

Má estreia para uma tão auspiciosa carreira.

(Continúa.)





Susana subiu os degraus da pequenina escada, com toda a cautella...

## AS PERGUNTAS DE SUSANA

POR EMILIO DESBEAUX

(Continuado do numero antecedente)

Ouvindo estas palavras, Thereza fez-se muito vermelha, e a sr.<sup>a</sup> de Montlaur, não percebendo, interrogou a sua velha amiga.

A senhora de Sannois, um momento indecisa, disse afinal a Susana :

— Então ouviste o que diziamos esta manhã, e percebeste o desejo do avô?

A pequenita fez um gesto affirmativo com a cabeça.

— Olhem a sossinha! — exclamou a sr.<sup>a</sup> de Montlaur sorrindo.

— Já não lhe falta astucia! — ajuntou a sr.<sup>a</sup> de Sannois, beijando a sua querida filha. — Então descobriste o segredo da Therezinha?

E voltando-se para a menina de Montlaur, acrescentou:

— É, pois, verdade, minha filha, que lhe não é indiferente o meu Paulo?

A resposta de Thereza foi abraçar a mãe.

Ora aqui está como a pequenita Susana iniciou o casamento do seu mano Paulo com a sua amiguinha Thereza.

As duas famílias estavam muito satisfeitas e esperava-se apenas o regresso do sr. de Sannois, para lhe pedir o seu consentimento para aquelle enlace. Mas a carta d'elle veio produzir uma grande inquietação na sua bondosa família.

Paulo, mais impressionado que todos, tratou immediatamente de alcançar a informação que seu pae exigia, e por isso sahio da sala, dirigindo-se a toda a pressa a casa da sr.<sup>a</sup> de Montlaur.

### CAPITULO VIII

#### O GABINETE DE TRABALHO DE PAULO E A CASA NOVA

Logo que Paulo sahio, a Susaninha foi cuidar das suas obrigações.

As quatro horas, que era quando começava o seu recreio, lembrou-se de ir vêr se Paulo já voltára. Dirigiu-se ao seu gabinete de trabalho e bateu na porta.

Como ninguem respondesse, deliberou-se a levantar o fecho e a entrar no gabinete, cujas paredes estavam cobertas de estantes com livros de todas as qualidades, novos e velhos, brochados e encadernados. Uma escadasinha movel permitia chegar aos que estavam alinhados nas prateleiras mais altas.

Adquirida a certeza de que seu irmão não estava alli, Susana ia a retirar-se, quando uma reflexão a fez parar.

Mesmo na ultima prateleira, no logar mais alto, havia um grosso livro com gravuras, que o Paulo costumava dar-lhe para a entreter, quando ella vinha interrompê-lo nos seus trabalhos. A pequenita ficava então muito quietinha, folheando com a maior atenção o livro, no qual se viam representadas innumeradas fôres de todos os paises, destacando-se de encantadoras paizagens cheias de sol.

A Susaninha ergueu os olhos para o famoso livro, enfileirado ao lado de outros, e que parecia sorrir-lhe e dizer-lhe: «Anda, vem buscarme!»

O degrau estava justamente ao pé d'aquella estante, parecendo indicar o caminho a seguir e prompto a prestar o seu auxilio.

Depois d'um momento de hesitação, Susana disse consigo:

— Creio que não faço mal em ir buscar aquelle livro, visto que, se o mano cá estivesse, m'o emprestaria.

Foi dito e feito.

Susana subiu os degraus da pequenina escada, com toda a cautella, firmando-se bem nos pésinhos, para não cahir.

Estava quasi a chegar ao cimo, faltava apenas um degrau para que a sua mãosinha podesse apoderar-se do desejado livro... mas n'isto, a porta do gabinete abriu-se devagarinho.

Era o Paulo, que vinha entregar-se aos seus trabalhos, com fato caseiro e cigarro na bocca.

O tapete abafára-lhe o ruido dos passos, e o fecho da porta levantára-se silencioso. Portanto, a Susaninha não podia desconfiar de que o mano Paulo, encostado á hombreira, com as mãos nos bolsos, a observava tranquillamente, risonho, satisfeito de a surprehender em flagrante delicto de curiosidade.

— Muito bem, menina Susana, isso é muito bonito! — disse elle afinal, fingindo uma voz severa, sem comtudo poder apagar de todo o sorriso.

E, ao dizer isto, estava já ao pé da escada, prompto a segurar a Susaninha, se ella se assustasse com aquella voz inesperada.

Mas a pequenita voltou-se, não se mostrando muito assustada.

— Ah! és tu! — disse ella, não deixando, comtudo, de corar um pouco.

— É verdade, sou eu, e estou muito zangado. A menina não se lembra que lhe prohibi de mexer nos meus livros?

— Lembro, sim; mas é que este é quasi meu. — Ainda que realmente fosse seu: bem sabe que não quero vê-la subida á esta escada.

— Mas se tu não apparecesses tão depressa, não me terias visto — respondeu Susana.

— Pois a menina ainda se atreve a argumentar? — redarguiu Paulo, custando-lhe a conservar-se serio. — Podia ter cahido e ferir-se, por causa do tal volume.

— E o culpado serias tu: porque o pões tão alto?

Não sabendo que responder, o bondoso irmão pegou ao collo na manasinha e pol-a no chão.

— Bom, agora vae tu buscal-o — disse a pequenita sem se perturbar.

— Buscar o quê?

— Ora o quê! o livro.

— Não, hoje não lh'o dou, que é para a ensinar.

— Para me ensinar, para me ensinar! — repetiu a Susana a meia voz.

E como se lhe lembrasse uma coisa, acrescentou vivamente:

— Sim, é verdade, tu é que tens que me ensinar.

— Ensinar o quê?

— A tal historia do liquido vermelho.

Felizmente, Paulo estava de bom humor. Soubéra pela propria senhora de Montlaur, que o seu fallecido marido tivéra, effectivamente, um irmão, chamado Pedro, e que fôra segundo tenente de marinha, como dizia na carta o sr. de Sannois; mas esse irmão morrerá muito novo, durante a guerra da Criméa.

Paulo nada achára n'estas informações que o podesse inquietar, e da mesma opinião foram sua mãe e seu avô, aos quaes communicára o que soubéra. Ora aqui está porque o engenheiro

se sentia disposto a deixar-se tyransar pela curiosidade inextinguível da sua interessante manasinha.

— O liquido vermelho! — repetiu elle. — Querres então saber a historia do sangue? Mas diz-me primeiro se percebeste o que te expliquei ainda agora, e se decoraste as palavras arrevedadas de que me vi forçado a servir-me.

— Percebi tudo, — respondeu Susana. — Ficaste quando o chylo vae passar para o sangue.

— Bom; uma vez que tens tão boa memoria, fica sabendo que o sangue é um personagem de grande importancia. É elle que nutre todo o nosso corpo; é elle que se encarrega de fazer com que tudo funcione bem, fornecendo desde as unhas até os dentes e os cabellos, os materiaes necessarios para se desenvolverem e para repararem os estragos que tenham soffrido. É, pois, o sangue que vae dar força aos teus ossinhos e aos teus nervos. Mas tu bem sabes que, com o tempo, tudo se gasta e acaba; portanto, o sangue chegaria a ponto de não ter já materiaes para distribuir pelo nosso corpo, se o chylo não viesse, depois de cada refeição, fornecer-lhe novas forças.

(Continúa.)



GIOTTO

(Conclusão)

Ora, n'aquelle tempo, havia em Florença um pintor de muita nomeada, ainda hoje conhecido, chamado Cimabue. Este artista ás vezes ia girar pelos arredores da cidade, ou para pintar as vistas mais notaveis que encontrava, ou para descansar dos seus trabalhos, respirando o ar puro d'aquelles campos tão lindos.

Cimabue tinha uma grande fama; mas não era nem mau nem invejoso.

Via sem ciumes qualquer rival que lhe podesse tirar os elogios do publico; e quando outro pintor produzia um quadro bom, era elle o primeiro a applaudir-o.

Uma vez, n'uma das suas voltas, Cimabue foi passear pelas terras por onde Giotto costumava pastorear o rebanho. Passando por certa parede, deu com os olhos n'um dos taes desenhos do pastorsinho. Bastou isso para reconhecer logo

n'aquelles traços um talento de observador, uma verdade digna de nota.

Continua o seu passeio, e mais adiante dá com outro esboço.

N'aquelle tempo em que a arte da pintura era muito menos estuadada do que hoje, dava que pensar o topar-se assim com desenhos a que só faltavam os conselhos da experiencia e do saber. Por isso Cimabue ficou pasmado d'esta maravilha que encontrára.

Ja já perguntar a algum aldeão quem era o auctor d'aquelle museu campestre, quando, á beira do Arno, lobrigou ao pé de um rebanho de cabras, espalhadas por aquellas moitas e pradarias, um pastorsinho muito sério, todo embebido a desenhar com o cajado na areia. Era o nosso Giotto.

Cimabue adivinhou logo: achara o auctor d'aquelles contornos de que tanto se tinha admirado.

Mas mais admirado tinha ainda de ficar. Caminhou para diante.

Giotto estava tão profundamente absorto com o seu trabalho, que o pintor poz-se alguns passos a traz d'elle sem ser nem de leve presentado. Ficaram assim mais de uma hora, o pastor desenhando, e o pintor observando-o com toda a attenção.

Giotto tomára por modelo uma das cabras que estava alli deitada á sombra de um carvalho.

Acabava de a desenhar, quando Cimabue, que ia seguindo com os olhos aquelle esboço, lhe bate de repente no hombro. O pastor volta-se.

— Bravo! bravo! — exclama o artista. — Bravo, meu desenhador. Isso está muito bom! Está muito bom! Está admiravel! Quem te deu lições?

— Ninguem, meu senhor — responde o pastor, attonito com aquelle elogio, que julgava não merecer.

— É que, verdadeiramente, está muito bem feito, meu amigo! Dize lá, tu gostavas de aprender a pintar?

— Decerto! quem me déra! Mas tenho que andar guardando as cabras. Quem as havia de levar ao pasto sem mim?

Cimabue poz-se a conversar com o rapaz sobre os seus gostos e sobre a sua familia, ao que Giotto respondeu tão certo e com tanta composura, que Cimabue cada vez ia gostando mais d'elle.

A cabana do pae de Giotto não ficava longe. Cimabue convidou o seu novo amigo a levar as cabras para a malhada e a irem ter com o pae. Giotto primeiro não queria, porque tinha medo de ouvir algum sermão, ou de apanhar a sua ensinadella por voltarem para casa, elle e o rebanho, antes das horas do costume. Cimabue ficou por tudo e prometteu-lhe explicar-se com o pae a respeito d'esta volta antes de tempo.

Giotto juntou as cabras, e interrompendo a conversação umas poucas de vezes, por ter de chamar alguma tresmalhada, tomou com Cimabue o caminho do colmado do pae.

Lorenzo ficou muito admirado com os elogios do pintor sobre o geito e habilidade do filho.

Já tinha visto ás vezes os taes bonecos, mas considerava-os uns simples borrões. Quiz-lhe até parecer primeiro que estavam brincando com elle.

Quando Cimabue lhe propoz levar o filho para Florença, para lhe ensinar pintura, disse que não, porque o filho de um homem pobre precisava de trabalhar para ganhar a vida. Cimabue custou-lhe muito a convencel-o de que as artes, bem professadas, tambem eram um ganha-pão, e que o rapaz algum dia podia vir a ser rico e a amparar os seus. Isto é que entrou a embeijar o aldeão.

Mas quando Cimabue prometteu olhar pela comida e pelo fato do rapazinho, é que o pae de Giotto afinal deu o sim.

O pastor abraçou o pae, a mãe, os irmãos e as irmãs, e ao lado do seu protector, poz-se a andar caminho de Florença.

Era a primeira vez que ia á cidade, á grande cidade. Apesar de ella ficar tẽso perto da sua aldeia, nunca o pastor tivera ensejo de a vêr.

Cimabue leva-o para casa. Mostra-lhe a sua officina de pintor, cheia de quadros e de trabalhos começados, Giotto primeiro fica de bocca aberta á vista d'aquellas esplendidas telas. Mas um livro que estava aberto sobre uma meza, um livro cheio de pinturas riquissimas, deu-lhe ainda mais na vista.

Giotto para ao pé da mesa; e, com a cabeça pendida, fica alli pasmado, absorto perante todas aquellas maravilhas.

Cimabue observa-o. Vê que as feições do rapaz se illuminam, que os olhos chammejam com os claros do talento, com a chispa das artes, e tomando-lhe a mão, exclama:

— Trabalha! trabalha, meu rapaz!... Não me enganei! Ainda um dia has de vir a ser um pintor!

Logo no dia seguinte foi Giotto recebido com os outros alumnos de Cimabue, que entrou a esmerar-se no aproveitar a decidida vocação do nosso pastor. O artístasinho, pela sua parte, tanto se empenhou em aproveitar as lições d'aquelle habil mestre, que fez progressos rapidos e admiráveis.

Os elogios de Cimabue incendiavam-lhe o zelo. Caprichava em justificar-lhe as predições, e agradecer-lhe a generosidade.

Pouco tempo depois, este alumno era o rival do mestre. Mas Cimabue não sentia emulação, antes se alegrava com o bom exito das suas lições.

Como elle, Giotto adquiriu grande fama. Andavam todos os entendidos á bulha a vêr quem lhe apanhava um quadro.

Mas esta sorte propria não lhe desvaneceu a lembrança do nascimento. Tirou os paes da pobreza, e construiu-lhes uma casa grande e comoda, no sitio do pobre colmado onde nascêra. Emquanto viveram, Giotto soube sempre reparir a amisade e a gratidão com elles e o seu generoso protector, a quem devia toda a sua gloria e toda a sua fortuna.

E, d'esta maneira, meus leitoresinhos, Giotto, aquelle pastor que vistes, com o seu rebanho e

o seu cão preto, perdido pelos campos dos arredores da bella Florença, veio a ser, graças ao seu talento natural e ao estudo com o bonissimo Cimabue, umã das mais brilhantes estrellas do ceu da pintura.

JOÃO D'ALBUQUERQUE.

## A FLOR

(DE MILLEVOYE)

Isolada e secca flôr,  
que eras a honra do val,  
teus restos cobrem a terra,  
dispersos p'lo vendaval.

Igual força nos destroe,  
cedemos ao mesmo Deus;  
uma folha te abandona,  
um prazer diz-nos adeus.

Em cada hora o tempo leva  
um sorriso, uma paixão;  
em cada instante que passa  
foge-nos uma illusão.

E o homem a si pergunta,  
doloroso e com fervor:  
Qual chymera é mais ephemera  
a da vida, ou a da flôr?

Lisboa, 3—2—83.

NEMO & NINGUEM.

## ALEGRIAS

Uma velha dama ingleza, muito excentrica, como todos os filhos do seu paiz, morrendo-lhe um gato que muito estimava, mandou-o empanhar e metteu-o dentro do viveiro dos canarios.

— Então a senhora poz o gato juntamente com os passarinhos?! — observou-lhe admirada uma amiga.

— Era o sitio que elle mais cubiçava. Já que em vida o não alcançou, quero fazer-lhe a vontade depois de morto.

Um rapaz muito extravagante não se cansava de dar desgostos á mãe e de lhe pedir dinheiro. D'uma das vezes, a pobre senhora não lhe deu o que o esturdiu lhe pedia, e ainda por cima lhe pregou um bom sermão por entre lagrimas.

Então o estroina abriu precipitadamente uma gaveta, e tirou d'ella um par de pistolas.

A desolada mãe, vendo-o encaminhar-se para a porta, corre a embargar-lhe a passagem, exclamando afflicta:

— Que vaes fazer, meu filho?!

— Vou empenhal-as — respondeu tranquillamente o incorrigivel estroina.

Deram um pastel a Bébê, e como elle não agradecesse, a mãe admoestou-o:

— Então que se diz, menino?

— Quero outro — respondeu Bébê com a bocca cheia de nata.